

Comunidades beduínas de Matrouh, Egito: desvelando o mundo das mulheres e suas vulnerabilidades.

Laura M. G. Duarte; Tahany Farig; Véronique Alary; Jean F. Tourrand; Pierre Valarié

Introdução

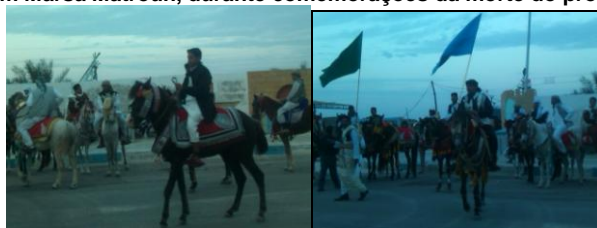
Este trabalho é resultado das atividades de pesquisa realizadas no âmbito do projeto EIVULMED: “Role of livestock activities in the process of adaptation and reducing vulnerability of Mediterranean societies facing global changes” (ANR CEP&S-2011-2013), uma parceria entre o Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement - CIRAD e o Institut National de la Recherche Agronomique – INRA, na França, e o International Center for Agricultural Research in the Dry Areas, no Egito.

Para a realização do trabalho de campo contamos com a colaboração do doutorando Ibrahim Hawaty e do estagiário Vicente Martin que deram apoio logístico em Marsa Matrouh; do Sr. Abdalrahman que nos acompanhou durante a pesquisa nas comunidades; e das inúmeras pessoas contatadas e entrevistadas, em particular as mulheres beduínas.

A pesquisa foi realizada durante o período de novembro de 2012 a fevereiro de 2013, tendo como objetivos identificar e analisar, com ênfase nas relações de gênero, as transformações ocorridas nas comunidades beduínas da região de Matrouh, no Egito, durante as últimas décadas, e o papel das mulheres nessas comunidades, suas percepções sobre as mudanças climáticas e sociais, e sobre o futuro. Neste artigo daremos uma visão geral do contexto e dos resultados preliminares da pesquisa, especialmente sobre as principais vulnerabilidades a que estão expostas essas populações, em particular as mulheres.

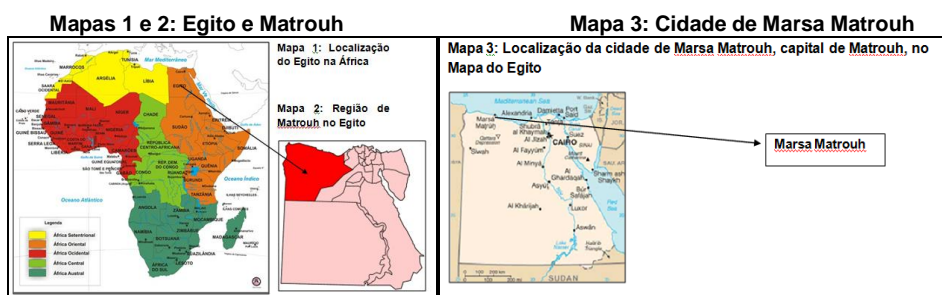
É importante salientar a ausência de literatura específica sobre a região estudada, mais precisamente sobre suas comunidades beduínas e sobre o espaço das mulheres nas mesmas. Esclarecemos, também, que todas as fotos aqui apresentadas foram tiradas durante a pesquisa de campo.

Beduínos em Marsa Matrouh, durante comemorações da morte do profeta Mahomé



O contexto da pesquisa

A região de Matrouh, cuja capital é a cidade de Marsa Matrouh, é uma província do Egito situada no Noroeste da Zona Costeira (NWCZ). Tendo o Mar Mediterrâneo ao Norte e o Deserto do Saara ao Sul, compreende uma zona de cerca de 500 km entre a fronteira com a Líbia e a Alexandria. Os mapas a seguir mostram a localização geográfica da região de estudo.



Conforme o recenseamento de Janeiro de 2010, Matrouh contava naquele ano com uma população aproximada de 352.885 pessoas, das quais 85% eram beduínas. A população beduína está dividida entre seis principais sub-tribos descendentes da tribo-mãe Awlad Ali, perfazendo 42 "clãs"; e organiza-se em grandes famílias de 3 a 4 gerações¹ que vivem em comunidades.

Os beduínos são povos que habitam o deserto, nômades por tradição e regidos por um código de honra rigoroso, têm como principal atividade econômica o pastoreio. Entretanto,

¹ Conforme entrevista com o Omnda da tribo-mãe Awlad Ali, “Na origem, as tribos são provenientes de uma mesma pessoa originária da Arábia Saudita. Após a migração, os descendentes foram se apropriando dos territórios em diferentes países, criando assim as tribos. O principal fator de ligação entre as tribos é o sangue”.

mesmo que ainda hoje as tendas sejam utilizadas e façam parte de sua cultura, pouco a pouco o estilo de vida tradicional tem sido abandonado e muitos trocam as atividades pastoris e a transumância pela agricultura sedentária, ou migram para a cidade em busca de trabalho.



Entre os beduínos, a questão de gênero é uma questão bastante sensível e complexa. As mulheres não querem expor a si e a suas crianças ao mundo exterior, o que colocou alguns limites para a pesquisa: a exigência de não terem seus nomes identificados e de não serem tiradas fotos. Somente foram autorizadas fotos das comunidades, dos utensílios domésticos, das atividades de trabalho e dos homens, desde que previamente solicitado.

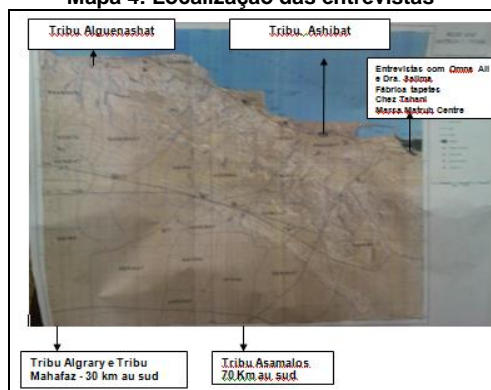
O trabalho de campo foi organizado e desenvolvido a partir de técnicas de pesquisa complementares entre si e adaptadas a esse contexto, quais sejam: 1) entrevistas semi-estruturadas com o Omnda da tribo Awlad Ali²; com a Dra. Solima, primeira mulher beduína da região a realizar um doutorado, hoje uma liderança reconhecida pelo trabalho que realiza em prol dos direitos femininos; com o coordenador de um projeto de conservação de terras no deserto, Sr. Mustafa Musa Rashid; com o Diretor Geral da cultura de Matrouh, Sr. Hamad Khalid Shoab; com mulheres das comunidades beduínas; 2) registro das observações durante todo o tempo passado junto às grandes famílias ou comunidades; 3) desenho de crianças e adolescentes sobre a divisão sexual do trabalho na família e a visão sobre o futuro das meninas e meninos; 4) documentação fotográfica; 5) visita a uma fábrica de tapetes e ao Palácio da Cultura de Matrouh.

Fotos do Omnda da tribo Awlad Ali durante entrevista



Ao longo do trabalho, foram concretizadas 18 entrevistas com mulheres beduínas de cinco tribos ligadas à tribo-mãe Awlad Ali: Ashibat, Alguenashat, Asamalos, Algrari e Mahafaz. A localização das tribos pode ser (como mostra) verificada no mapa a seguir.

Mapa 4: Localização das entrevistas



As entrevistas foram realizadas nas próprias comunidades, onde passávamos muitas horas do dia junto com as mulheres. A presença de um grande número de crianças e de adolescentes nos permitiu trabalhar com a técnica do desenho sobre a divisão sexual do trabalho na família (trabalho do pai e da mãe) e sobre a visão de futuro.

² As funções do Omnda nas tribos são mais administrativas do que políticas e ele é a ligação entre as mesmas, o governo e as autoridades civis. Conforme entrevista com o Omnda da tribo-mãe Awlad Ali, "...Os Omndas regram e mediatizam os problemas entre as tribos-mãe e os cheiques os problemas entre as tribos. Nós temos nossas próprias leis e regras. Os Omndas são eleitos em função de seu pertencimento a certos bets (famílias) mais ou menos importantes. A passagem se faz de pai para filho, sabendo-se que o filho deve receber educação, possuir alguma riqueza e respeitar os costumes e tradições. Se ele refuta, é possível fazer a passagem a um primo, desde que respeitando esses critérios".

O café da manhã com mulheres de uma comunidade



Além da pesquisa de campo, foram realizadas pesquisa bibliográfica e síntese de obras sobre os seguintes temas: abordagem teórica sobre a questão de gênero; feminismo e Islã; mulheres e relações de gênero no Oriente Médio e Egito; gênero, meio ambiente, vulnerabilidade e adaptação às mudanças climáticas.

Em termos gerais, o universo das mulheres beduínas é bastante independente do universo masculino e gira em torno da família e da comunidade³. De tal modo, cada entrevista que realizamos contou com a participação de um grande número de mulheres: as mulheres da família, as vizinhas e/ou visitantes que chegavam durante ao longo do trabalho. Mesmo que em alguns casos somente uma mulher tenha respondido às questões colocadas (em geral a mais velha, como estabelecido pela hierarquia existente no universo feminino⁴), nossas entrevistas adquiriram um caráter nitidamente coletivo, uma vez que as respostas foram compartilhadas entre todas as mulheres presentes.

Um aspecto importante a ser frisado sobre o contexto da pesquisa refere-se às diferenças socioeconômicas existentes entre as diferentes tribos, comunidades e famílias, sobretudo, entre as comunidades situadas na costa, mais próximas da cidade, e aquelas situadas no deserto. Esse aspecto já havia sido observado em trabalhos anteriores realizados pela equipe do projeto⁵.

A proximidade ou não de estradas que permitem um acesso mais fácil aos recursos e serviços - tais como água, terra, energia elétrica, escolas, serviços de saúde, transporte, dentre outros - é um fator que tende a acentuar essas diferenças e resulta em diferentes graus de vulnerabilidade. Observamos que as comunidades mais pobres que têm dificuldades para satisfazer as necessidades básicas são as mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas.

Comunidade na costa

Comunidades no deserto



Apesar dessas diferenças e da perda de alguns saberes e práticas locais, em todas as comunidades visitadas observou-se claramente uma forte coesão social, baseada em laços de solidariedade entre as pessoas da mesma tribo; assim como uma identidade beduína, motivo de orgulho entre os entrevistados de todas as tribos, em especial entre as mulheres. Essa identidade é baseada na cultura, nas tradições e, principalmente, nos códigos de conduta que são passados de geração a geração: a honra para os homens, a vergonha para as mulheres e a modéstia para ambos⁶.

O mundo das mulheres e suas vulnerabilidades

Ao longo do trabalho de campo e a partir das falas das entrevistadas, identificamos alguns dos impactos das mudanças sociais e ambientais, assim como as principais vulnerabilidades a que estão sujeitas as populações de Matrouh. Ligadas a uma combinação de fatores e de mudanças no contexto político, ambiental, econômico e sócio-cultural, essas vulnerabilidades representam riscos diretos ou indiretos sobre a sustentabilidade das atividades e da qualidade de vida dessas populações, em particular das mulheres.

Somada às incertezas do contexto político no Egito advindas da chamada “Primavera Árabe”, a vulnerabilidade política em Matrouh pode ser observada pela presença massiva do

³ ABU-LUGHOD, Lila. A Community of Secrets: The Separate World of Bedouin Women. *Signs*, Vol. 10, No. 4, Communities of Women. (Summer, 1985), pp. 637-65.

⁴ “... Na maioria das casas, são as mulheres mais velhas que nos recebem, que permanecem o tempo todo na sala e participam das refeições. Somente após termos terminado, as outras e as crianças são convidadas a se servirem. Na casa de X, as irmãs de seu marido - especialmente a mais velha, demonstram autoridade, ficam na sala e participam do almoço. A situação se inverte na casa de sua mãe, onde são as cunhadas - casadas com seus irmãos, que ficam na cozinha a preparar a comida, fazer e assar o pão, e após nos servir. Não me dirigem a palavra, apenas me sorriem discretamente. X, sua mãe e irmã mais velha ficam na sala e almoçam comigo...” (observações da pesquisa de campo. Janeiro de 2013).

⁵ Some Elements & Ideas for the Proposal of AIRD-STDF Project About Co-Viability in Bedouin Area, NWCZ, Egypte. *Adaptation au changement global des sociétés bédouines de la Côte Nord Ouest, Egypte*.

⁶ ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled Sentiments. Honor and Poetry in a Bedouin Society*. University of California Press. London. s/d.

exército e a consequente militarização do território beduíno. As relações entre esses dois atores acarreta uma insegurança permanente e conflitos que vão desde a posse e uso da terra, até choques entre a polícia e grupos de beduínos, como o ocorrido em 23 de janeiro de 2013 que resultou em vários feridos e prisões.

As mudanças climáticas, assim como a consequente vulnerabilidade ambiental a que estão sujeitas, são percebidas por grande parte das entrevistadas. As alterações drásticas no clima, com secas mais intensas e prolongadas; a crescente escassez de água para os animais, plantações e mesmo para as famílias; o processo de erosão e/ou salinização de terras beduínas que eram utilizadas para o cultivo de alimentos e que deram lugar à expansão do turismo; o paulatino desaparecimento dos pastos para alimentar as tropas e de plantas medicinais terapêuticas e cosméticas antes existentes no deserto; são alguns dos impactos percebidos em seu cotidiano.

Na maior parte das entrevistas observamos uma quase total falta de informação sobre o assunto. Mesmo percebendo as mudanças climáticas e seus efeitos no cotidiano de suas vidas, as mulheres não encontram uma explicação racional para suas causas e acabam atribuindo-as “ao desejo de Deus”.

Privadas do acesso à educação e à informação, as beduínas contam apenas com seus saberes e práticas tradicionais para se adaptarem às mudanças climáticas. Buscando manter a qualidade de vida de suas famílias, as mulheres desenvolvem algumas estratégias de adaptação: acumulam e guardam a água das chuvas e cuidam das águas dos poços; estocam sementes e alimentos; fazem conservas dos produtos alimentícios perecíveis e doces com as frutas; secam alguns alimentos como cebola, alho e tomate; utilizam a lã das ovelhas para fazer cobertas e travesseiros; cuidam das ervas medicinais que ainda existem e preparam medicamentos caseiros; as mais velhas ainda tecem tapetes e produzem alguns artesanatos para serem vendidos nas cidades.

Em outra direção e de forma pioneira, identificamos na região um projeto de recuperação de 25 mil hectares de terras no deserto. Em entrevista, o Coordenador do projeto, o Sr. Mustafa Musa Rashid, apontou as dificuldades enfrentadas para dar continuidade a esse tipo de ação de adaptação reativa⁷ aos impactos das mudanças climáticas, porém salientou os resultados positivos. Segundo seu depoimento, o projeto traz imensos benefícios para as comunidades envolvidas, em particular para as mulheres que se beneficiam com o acesso às plantas medicinais, flores e sementes existentes na área. As fotos a seguir mostram a diferença da vegetação entre as terras do projeto, que há dois anos não são utilizadas para pastagem, e as terras vizinhas que não fazem parte do projeto.



Os sistemas de produção e de adaptação tradicionais das comunidades beduínas mostraram-se sustentáveis ao longo do tempo do ponto de vista cultural, social, ambiental e econômico. Entretanto, em razão dos impactos do recente e acelerado processo de mudanças climáticas que afetam os meios de subsistência e colocam em risco a segurança alimentar; assim como das mudanças na utilização das terras, cada vez mais voltadas para grandes projetos turísticos em detrimento da produção de alimentos, como registrado nas observações do trabalho de campo⁸; atualmente mostram-se insuficientes para sustentar e manter as famílias beduínas no deserto.

Com a escassez de água e de pastos para suas tropas, sobretudo durante os períodos de seca, os homens têm sido forçados a migrar em direção aos centros urbanos em busca de emprego e/ou no intuito de desenvolver outras atividades desvinculadas ao pastoreio, tais como o comércio, o turismo, ou mesmo a construção civil. O setor do turismo se mostra bastante rentável e vem se desenvolvendo de forma acelerada em toda a região da costa.

⁷ AL HAMNDOU, D.; REQUIER-DESJARDINS, M. Variabilité climatique, désertification et biodiversité en Afrique : s'adapter, une approche intégrée. *Vertigo*. La revue électronique en Sciences de l'environnement. Vol. 8, N. 1 (Avril 2008).

⁸ "...Do terraço pode-se ver o mar. Na época da mãe de X, a faixa que hoje é praia e areia era ocupada pelo mar. Toda a costa e os arredores eram dos badus (beduínos) que cultivavam verduras e tomates, além de criarem pequenos animais. Com o tempo, as terras ficaram salinizadas e impróprias para a agricultura e hoje toda a costa está praticamente tomada por construções destinadas ao turismo. Uma casa imensa e ricamente construída está sendo preparada para receber os turistas que chegam a cada ano da Arábia Saudita, Dakar, Dubai e de outros lugares ricos. Nos arredores observam-se grandes casas e muitas construções de badus que pouco a pouco se estabeleceram no bairro. As terras da família de X pertenciam ao pai de seu pai e continuam na família. Na rua da frente, em uma grande faixa de terra que dá para o mar - onde antes eram cultivadas verduras e tomates, e eram criados pequenos animais, hoje há uma plantação de oliveiras e um grande projeto turístico já demarcado... (observações de Laura Duarte, em pesquisa de campo. Janeiro de 2013).

Empreendimentos turísticos em expansão



Durante a migração dos homens, as mulheres e crianças permanecem nas comunidades. Não é raro encontrar mulheres e suas crianças sendo acolhidas pela grande família durante a ausência do marido, que pode estar trabalhando em algum lugar da Líbia ou em cidades do Egito.

Assim, a vulnerabilidade econômica, intimamente ligada à vulnerabilidade ambiental, se manifesta principalmente pela crise do sistema pastoril que, muitas vezes, leva à venda das terras e do gado e gera o aumento do desemprego na região. Outro resultado, não tão visível e pouco discutido, mas que representa da mesma forma uma vulnerabilidade para as comunidades beduínas, são as atividades de contrabando de artigos alimentícios, de chá, cigarros, armas e de drogas, desenvolvidas nas rotas que cortam o deserto da Líbia ao Egito e que envolvem principalmente as populações mais jovens.

Alguns desses aspectos, especialmente no que se refere aos impactos sobre as atividades pastoris e os modos de vida das populações, já haviam sido observados em trabalho desenvolvido pela equipe do projeto⁹ e foram confirmados nas entrevistas¹⁰.

Nas comunidades beduínas, a segregação e as relações de gênero são baseadas em uma estrutura social patrilinear e patriarcal que resulta em desigualdades entre mulheres e homens. No entanto, essas desigualdades não podem ser entendidas senão como uma construção social, uma vez que os códigos de conduta, os papéis sociais e os padrões da divisão sexual do trabalho são transmitidos desde cedo às crianças, se constituindo como elementos chave para a compreensão do que aqui denominamos de vulnerabilidade de gênero.

As precárias condições de vida e de trabalho (inclusive para o preparo dos alimentos como mostram as fotos abaixo), a inexistência de serviços públicos de qualidade, assim como a perda dos saberes e práticas tradicionais, são alguns dos aspectos que dão visibilidade às vulnerabilidades sócio-culturais e de gênero a que estão expostas as mulheres. Essas condições são mais frequentes em comunidades do deserto que ainda não têm eletricidade, contam apenas com escolas primárias e, praticamente, com nenhum atendimento à saúde.

Forno a lenha e forno a gás, utilizado atualmente para assar o pão



Para ter acesso aos serviços de saúde é preciso se deslocar até a cidade mais próxima, o que se torna inviável para as populações mais pobres, em virtude do preço do transporte e das distâncias a serem percorridas. Essas dificuldades são, quase sempre, supridas pelos laços de solidariedade que unem os beduínos de uma mesma família, comunidade ou tribo, e as “caronas” são sempre um meio de locomoção possível.

O acesso à educação formal é igualmente precário e limitado. Quando existem, as escolas atendem somente o nível primário e, na maioria das vezes, se encontram longe das comunidades, o que dificulta o acesso das crianças. Além disso, as dificuldades para as meninas seguirem os estudos aumentam proporcionalmente à idade, uma vez que dificilmente os pais permitem que elas se afastem da família para frequentarem as escolas na cidade quando se tornam adolescentes.

Os beduínos são povos de tradição oral. A cultura, os saberes e as práticas locais são transmitidos em processos informais no cotidiano da vida comunitária. Tradicionalmente, histórias são contadas na forma de poesia, sendo que as mulheres têm um papel fundamental nesses processos de transmissão oral da cultura e dos costumes¹¹.

⁹ *Adaptation au changement global des sociétés bédouines de la côte Nord Ouest, Egypte.*

¹⁰ “... antes as terras eram dos badus (beduínos). O governo comprou a preço de banana para desenvolver o turismo que está por todo o lado. Com o dinheiro das terras, muitos badus constroem casas novas, compram coisas novas para a casa, carros novos e muitas joias para as mulheres. Eles não investem mais nem em terras, nem em animais... Durante três meses a costa é tomada por turistas. Os badus trabalham e ganham dinheiro nesta época, mas perdem a liberdade de ir e vir; perderam as terras que antes produziam alimentos para a população (pequenos animais, verduras, legumes e frutas) e hoje compram esses produtos em outras cidades, como Alexandria. Além disso, no resto do ano não têm emprego e não existe outra fonte de renda. As mulheres badus pouco podem ajudar, pois não trabalham, a não ser em casa” (relato de mulher badu durante trabalho de campo, janeiro de 2013).

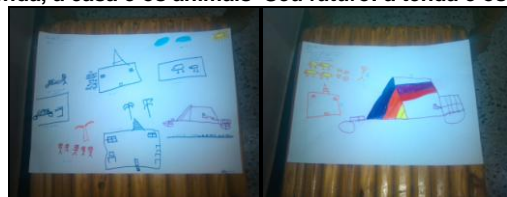
¹¹ ABU-LUGHOD, Lila. *Writing Women's Worlds. Bedouin Stories*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1993.

Os desenhos das crianças e adolescente refletem esse processo de socialização. Revelam, também, que a visão de futuro para as meninas não mais inclui algumas atividades desenvolvidas pela mãe como, por exemplo, tecer os tapetes, fazer o pão no fogão a lenha e cuidar dos pequenos animais, mas está diretamente vinculada às imagens da casa. Por outro lado, a visão de futuro para os meninos reflete quase fielmente o contexto das atividades dos pais.

Desenhos de menina beduína de 09 anos
A mãe e os trabalhos domésticos Seu futuro: a casa



Desenhos de menino beduíno de 09 anos
O pai, a tenda, a casa e os animais Seu futuro: a tenda e os animais



Dos 20 desenhos feitos pelas meninas, somente quatro mostraram uma visão de futuro que foge do padrão convencional: duas se vêem como professoras e duas como médica. As fotos seguintes são um exemplo desta perspectiva diferenciada de futuro desenhada pelas meninas.

Desenhos de menina beduína de 07 anos
A mãe e os trabalhos domésticos Seu futuro: médica



Em diversas entrevistas, as mulheres afirmam que os meninos não gostam de estudar e não querem ir para a escola. Em consequência, deverão continuar com os trabalhos do campo e dos rebanhos como seus pais. Ao contrário, as meninas querem ir para a escola, gostam de estudar e sonham em trabalhar fora de casa e “ser alguém”. Além disso, segundo a Dra. Solima, as mães se dão conta da importância de enviar suas filhas à escola e sonham que elas possam ao menos ler e escrever.

A associação entre o “ser alguém” e o trabalho fora de casa é um elemento novo no imaginário feminino das comunidades beduínas. Atualmente, mesmo que tenham estudado, são raras as mulheres que trabalham fora de casa. Trabalhar fora de casa ainda hoje não é bem visto¹² e pode acarretar consequências para elas, como o risco de não encontrar pretendente para casar. Isso pode explicar porque algumas jovens estudantes nos declararam que não pretendem trabalhar.

Os casamentos são escolhidos e arranjados entre as famílias e, como regra geral, os noivos não podem ter contato antes do casamento, salvo se fizerem parte do mesmo grupo parental e já se conhecerem. Ainda é muito comum o casamento entre primos de primeiro, segundo e terceiro grau. Dessa forma, tem sido mantida a linhagem familiar e o patrimônio tribal.

Conforme entrevista com o Omna, os casamentos entre pessoas de tribos diferentes, motivos de conflitos no passado, são hoje permitidos. Outras mudanças sociais significativas foram relatadas nas entrevistas¹³, notadamente no que se refere à idade de casar e ao número

¹² “...Em primeiro lugar, é preciso saber que a mulher é muito respeitada no seio da sociedade. Todos os maus hábitos desapareceram como, por exemplo, a poligamia. As mulheres permanecem em casa para se ocupar da educação das crianças, das atividades domésticas, etc, e, de preferência, elas não devem trabalhar fora. Também só devem falar com outras pessoas da família próxima...” (Entrevista com o Omnda da tribo-mãe Awlad Ali sobre qual o espaço da mulher nas sociedades beduínas).

¹³ “... Na época em que eu era jovem, a lida começava cedo. O café era servido às cinco horas da manhã e depois cada um ia para o seu trabalho. As mulheres cuidavam da casa, das crianças e das galinhas, colhiam lenha, cozinhavam, preparavam e assavam o pão no forno a lenha; fiam a lã e teciam os tapetes, também buscavam água em longas distâncias. Os homens cuidavam dos animais (ovelhas e 4 camelos), colhiam tomates e feno, enrolavam e amarravam o feno...” (relato de mulher badu durante trabalho de campo, novembro de 2012).

de filhos. Atualmente, os casamentos são realizados mais tardiamente, as meninas que antigamente casavam em torno dos 13 anos, hoje casam com 16 anos ou mais. O número médio de filhos por família diminuiu de 10 para 06.

Segundo as entrevistadas, as festas de casamento que antes da islamização eram compartilhadas por homens e mulheres, são hoje realizadas em ambientes separados: o ambiente masculino e o ambiente feminino. Assim como os casamentos, os nascimentos também são muito comemorados, ocasião em que são oferecidos presentes à criança e à mãe, como mostram as fotos a seguir.

Colar de pedras perfumadas e cesta de (produtos) cosméticos oferecidos às parturientes



Num mundo segregado, as mulheres beduínas desenvolvem suas próprias estratégias de adaptação e resistência às vulnerabilidades sócio-culturais e de gênero. São bastante vaidosas e, tradicionalmente, usam muitas joias fabricadas em ouro. O ouro representa não apenas o status do marido e da família, mas significa, também, uma segurança para a mulher. Ao contrário dos véus e dos mantos pretos utilizados em público (o uso da burca é comum, mas não obrigatório), no ambiente privado e em ocasiões especiais, como os casamentos, as roupas usadas pelas mulheres são coloridas e com muito brilho.

Vestidos de festa e acessórios fabricados e usados pelas mulheres beduínas



Apesar da manutenção de boa parte das tradições, observa-se uma perda crescente de alguns saberes que foram desenvolvidos pelas sociedades beduínas ao longo dos séculos. Nos tempos de nomadismo, as mulheres não apenas teciam os tapetes que serviam para construção das tendas, como também eram responsáveis pela montagem e desmontagem das mesmas. Nas duas últimas gerações, a arte da tapeçaria foi abandonada e esse patrimônio cultural está sendo esquecido.

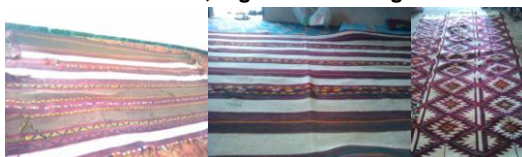
Enquanto as mulheres mais velhas mostram com orgulho os tapetes feitos por elas ou suas mães, as mais jovens demonstram certa indiferença ou mesmo desprezo por essas relíquias guardadas ao longo do tempo. Segundo as entrevistadas, os tapetes sintéticos e os carpetes fabricados industrialmente são mais práticos, mais bonitos e “modernos”.

Uma tentativa de recuperação da arte da tapeçaria está sendo desenvolvida no âmbito do projeto Matrouh Resource Management Project (MRMP). Esse projeto do Banco Mundial desenvolvido com o apoio do Ministério da Agricultura do Egito (MALR) mantém uma fábrica de tapetes cuja produção é vendida aos turistas nas cidades, em particular aos europeus e americanos que apreciam os tapetes feitos à mão.

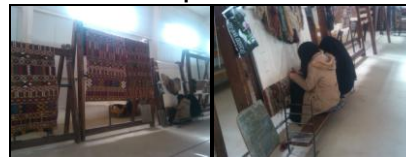
Visando a conservação e o resgate dos saberes locais e da arte beduína, esse empreendimento pode ser considerado como uma estratégia de adaptação dos tipos reativa e planificada¹⁴, além de representar uma fonte suplementar de recursos para as famílias.

Tapetes produzidos por mulheres (faixa etária dos 70 anos)

Tribos Ashibat, Alguenashat e Algrari



Fábrica de tapetes beduínos



Considerações finais

Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância das mulheres para a sustentabilidade social e cultural, assim como para os processos de adaptação às mudanças

¹⁴ AL HAMNDOU, D.; REQUIER-DESJARDINS, M. Variabilité climatique, désertification et biodiversité en Afrique : s'adapter, une approche intégrée, *op. cit.*

climáticas nas comunidades beduínas de Matrouh, contribuindo para preencher a lacuna existente na literatura sobre o tema e a região.

A pesquisa de campo nos proporcionou uma visão ampla do potencial de resiliência das populações beduínas em geral, e das mulheres em particular; potencial que está alicerçado na coesão social, na autoestima e na ética de solidariedade para com seu povo, sua biodiversidade, sua cultura e sua história.

Entretanto, o sistema patriarcal e patrilinear, base das relações de gênero, da segregação e da divisão sexual do trabalho, resulta, ainda hoje, em desigualdades e em diferentes graus de vulnerabilidade entre mulheres e homens.

Com isso, a forma diferenciada a que mulheres e homens beduínos são expostos aos impactos das mudanças sociais e climáticas acaba por aprofundar a vulnerabilidade de gênero, uma vez que, na maioria dos casos, as mulheres são privadas do acesso à educação e à informação, da liberdade de ir e vir, como também de autonomia financeira e poder de decisão.

Ainda assim, são elas que, na ausência dos homens, permanecem nas comunidades para gerir os riscos e o cotidiano das famílias, contando apenas com a solidariedade das outras mulheres e com seus saberes e práticas tradicionais para desenvolver estratégias de adaptação às mudanças.

Praticamente excluídas do domínio público, reservado aos homens, permanecem no espaço privado, sendo responsáveis pelo processo de socialização das crianças, pela segurança alimentar e reprodução das famílias; pela conservação das espécies vegetais utilizadas para a alimentação, medicamentos e artesanato; pelo cuidado de pequenos animais; pela gestão do uso doméstico e comunitário da água.

Essa carga de responsabilidades não deixa nenhuma dúvida quanto à importância das mulheres no que concerne à sustentabilidade das famílias, da vida comunitária e da cultura beduína. Mesmo assim, suas atividades não são devidamente valorizadas e, tampouco, mensuradas do ponto de vista da adaptação e da sustentabilidade.

Entendemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido e que muito resta a fazer no sentido de dar visibilidade às ações silenciosas das mulheres beduínas, assim como de lhes fornecer acesso aos meios necessários para alcançar a autonomia indispensável para que suas ações se tornem mais efetivas e ganhem reconhecimento. Do ponto de vista prático, este trabalho nos permitiu vislumbrar com mais clareza os limites e as possibilidades para que isso aconteça.

Do ponto de vista teórico e metodológico, percebemos o quão árdua é a tarefa daqueles que pretendem trabalhar utilizando uma abordagem interdisciplinar e tendo como objeto de estudo temas e problemáticas sensíveis, como a questão ambiental articulada à questão de gênero. Isso é ainda mais verdadeiro quando a pesquisa se desenvolve em tempos e contextos difíceis do ponto de vista político e complexos do ponto de vista cultural, como é o caso da região estudada. Este projeto encarou o desafio e abriu os caminhos para que novos estudos sejam realizados.

Finalizamos com uma observação feita durante o trabalho de campo “... *verdadeiras guerreiras, as mulheres tem um papel central na família. As avós, as mães e as tias são referências para as crianças e adolescente; portadoras de saberes e práticas milenares e dialeticamente abertas para as mudanças, elas são o eixo ao redor do qual tudo se constrói, se reproduz e se reconstrói nas comunidades beduínas de Matrouh...*”¹⁵.

¹⁵ Observações de Laura Duarte, em pesquisa de campo. Novembro de 2012.